

MAURICE HALBWACHS E A MEMÓRIA COLETIVA E INDIVIDUAL

MAURICE HALBWACHS AND THE COLLECTIVE AND INDIVIDUAL MEMORY

Sonia Maria Zanezi Peres

Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, Brasil. E-mail: soniazanezi@hotmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.31512/missioneira.v23i2.693>

Recebido em: 04/11/2021

Aceito em: 24/12/2021

Resumo: Esse artigo tem como objetivo realizar uma abordagem bibliográfica sobre a importância da memória, pois é de suma importância para a formação tanto do sujeito quanto da nação, podendo vim a sofrer alterações, em determinados tempos e espaços, do qual não temos controle físico ou mental assim podendo perpassar fronteiras imaginárias coletivas ou individuais, algumas lembranças solidificam os lugares de memória muito utilizados para justificar ou consolidar a identidade do grupo/sociedade. A partir da segunda metade do século XX os estudos sobre memória se fortalecem no meio acadêmico principalmente para a disseminação de estudos e pesquisas sobre a temática.

Palavras-chave: História; Memória; Lugares.

Abstract: This article aims to carry out a bibliographic approach on the importance of memory, as it is of paramount importance for the formation of both the subject and the nation, and may undergo changes, in certain times and spaces, over which we have no physical control. or mental, thus being able to cross collective or individual imaginary borders, some memories solidify the places of memory often used to justify or consolidate the identity of the group/society. From the second half of the 20th century onwards, studies on memory were strengthened in the academic environment, mainly for the dissemination of studies and research on the subject.

Keywords: History; Memory; places.



A Revista Missioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

1 Introdução

Um componente de extrema importância que temos é a memória, visto que a mesma está presente em nossas vidas, seja na forma individual ou coletiva, são utilizados além do discurso os lugares de memória, como museus, cemitérios entre outros espaços destinados a manter viva determinados conceitos ideológicos no imaginário, fortalecendo determinadas doutrinas principalmente políticas, criando personagens e atores para manter-se no poder.

Em meados dos anos 20 e 30 do século XX autores como Maurice Halbwachs, já destacava essa temática, para discutir no meio acadêmico a importância das análises do discurso como fonte de pesquisa a ser utilizada pela história, enriquecendo o espaço de pesquisa historiográfica.

Mas foi durante o século XX que as abordagens ganharam grandes espaços com as publicações da revista dos *Annales*, que valoriza o discurso dos esquecidos da história, pois até então os valores dos documentos oficiais predominavam no discurso historiográfico.

As grandes e maiores discussões sobre o tema da memória se intensifica com os estudos dos autores Pierre Nora e Michel Pollak em meados das décadas de 80 e 90, onde os estudos apresentados se destacam, ganham força no ambiente acadêmico, com as análises dos discursos orais e de técnicas de abordagem, análises de fontes, devido ao surgimento do gravador notamos que as entrevistas poderiam ser gravadas e analisadas posteriormente, transcrevendo as fontes orais em escrita, fortalecendo a fonte histórica como pesquisa acadêmica.

2 Maurice halbwachs: memória coletiva e individual

Para iniciar nossas análises, temos a considerar que segundo Borges (2013, p. 1), “o primeiro teórico a falar sobre memória coletiva foi o sociólogo Maurice Halbwachs”, apresentando que a relação da memória individual é construída socialmente, já que a tendência das pessoas é viver em grupos e se organizando em sociedade, criando laços de convivência, afinidades, memórias comuns, fortalecendo assim uma identidade coletiva e uma memória social.

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Sendo assim, a partir das reflexões de Halbwachs (1990), as memórias são construídas ao longo do tempo pelos grupos sociais, já que as pessoas que lembram no sentido literal e físicos dos acontecimentos, porém é na coletividade que vai determinar o que vai ser lembrado. Portanto quanto mais forte seja o grupo social, mais forte vai ser as memórias, já que são os grupos que estamos inseridos é que estruturam nossa memória e as lembranças vem de acordo com a vivência do tempo que se vive, seria como recordarmos uma imagem do passado, e ela seria a impressão deixada pelos acontecimentos ocorridos e permanece ficada na memória das pessoas.

Nesta perspectiva Paul Ricoeur (2007, p. 27) aponta que

[...] quando narramos coisas verdadeiras, mas passadas, é da memória que extraímos, não as próprias coisas, que passaram, mas as palavras concebidas a partir das imagens que elas gravaram no espírito, como impressões, passando pelos sentidos.

Diante das imagens, acontecimentos e da importância para o grupo, a memória se insere como um retrato de um determinado período onde Halbwachs (1990, p. 51) aponta que a memória coletiva nada mais seria que a participação da memória individual sobre determinado acontecimento que ele apresenta que “diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.”

A memória pode ser interpretada como reminiscências do passado onde surgem no presente, no pensamento de cada sujeito, ou como forma da nossa capacidade de guardar quantidade de informações de fatos que foram vividos no passado, devido ao nosso convívio social com outras pessoas, a nossa lembrança necessita de uma comunidade afetiva.

Como vimos a nossa lembrança precisa de uma comunidade, que é construída pelo convívio social, podemos então ter base em nossa impressão nas memórias de outras pessoas que estão compondo o mesmo grupo/comunidade da qual estamos inseridos para completar a nossa própria percepção dos acontecimentos como afirma Halbwachs (2013, p. 39).

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.

Maurice Halbwachs vem nos mostrar que por mais que tenhamos a percepção de objetos inúmeros fatores influenciam nossas vivências “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2013, p. 31) que somente termos vivenciado inúmeros eventos, nossas lembranças permanecem coletivas e podem ser evocadas por outros sujeitos, o autor afirma que jamais estaremos sozinhos, até quando os outros não estejam fisicamente presentes, assim os carregamos no pensamento e em nossa memória.

Para Halbwachs (2013), podemos recordar o que é necessário em nosso pensamento de certo sentido não deixamos de aceitar, com pensamentos de outros grupos, assim o autor explica que esquecer determinado período de nossa vida é também perder o contato com aqueles que estavam próximos de nós, tornando assim a memória seletiva ou esquecida como aponta Pollak (1993).

Nesse caso só podemos falar em memória coletiva quando evocamos algum evento que lugar na vida de um grupo de pessoas, somente nessas condições é que uma lembrança poderá ser reconhecida e reconstruída “se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo” (HALBWACHS, 2013, p. 69).

A memória é parte integrante de nossas vidas, onde obtivemos várias experiências vividas, que ao longo do tempo ficam armazenadas em nosso pensamento, algumas que ficam marcadas sejam elas boas ou ruins, e podem ficar armazenadas em nosso inconsciente, e dependendo da condição podem retornar ao indivíduo a qualquer momento, seja pela emoção ou necessidade para realizar alguma atividade como aponta Dantas:

A memória é o armazenamento de informações e fatos obtidos através de experiências ouvidas ou vividas. Relaciona-se fortemente à aprendizagem que é a obtenção de novos conhecimentos, pois utiliza a memória para reter tais

informações no cérebro. Existem duas formas de adquirir e armazenar informações:

Memória de Procedimento: Utilizada para armazenar e verificar informações não verbalizadas como habilidades motoras, sensitivas ou intelectuais.

Memória Declarativa: Utilizada para armazenar e relembrar fatos e/ou dados recebidos pelos sentidos, criação de ideias, raciocínios [...]. (DANTAS, 2017, p.1)

Diante de tantos conceitos e apontamentos, existem fragmentos/monumentos e até lugares que reforçam tais identidades e re-significam as abordagens que podem atingir os objetivos de difusão da memória, e que ficam armazenadas em nosso inconsciente e possivelmente vem a aflorar em algum momento de nossas vidas.

3 Lugares de memória e identidade

A existência dos lugares de memória, e os constantes esforços pela sua perenidade, é um reflexo da possibilidade do esquecimento. Como ressalta Nora, “se o que [os lugares de memória] defendem não estivesse ameaçado, não se teria a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que envolvem, eles seriam inúteis” (NORA, 1993, p. 13).

Um dos autores mais citados sobre de os conceitos de memória, seja ela individual ou coletiva é Pierre Nora, que em seu texto sobre “*Lugares da Memória*”, vem nos mostrar a complexidade entre a relação memória e história, sendo que a memória não é mais espontânea, mas sim produzida. Segundo o autor, nós vivemos o fim das sociedades-memória e das ideologias memória, que vinha nos mostrar que deveria ser retido o passado para preparar o futuro. Mas uma ideia de memória voltada para a herança de sua própria identidade foi substituída por uma película efêmera da realidade. Segundo o mesmo a memória e história estão longe de serem sinônimos.

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afeita e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...]. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1984, p. 9)

O autor nos mostra que a própria perda de nossa memória viva nos impõe sobre ela um olhar que não é mais ingênuo, nem indiferente, memória que nos pressiona e que já não é mais nossa, apego, que segundo ele, nos mantém ainda devedores daquilo que nos engendrou, mas distanciamento histórico que nos obriga.

A forma de dar continuidade torna-se residual aos locais, há locais de memória porque não há mais meios de memória, movimento necessário para não deixar no esquecimento e

valorizar determinados grupos.

Nora (1993) norteia o fim das sociedades memória, assim como todas aquelas que asseguravam a conservação e o passar adiante os valores, igreja ou escola, família ou estado, o fim das ideologias memória, como todas aquelas que asseguravam a passagem regular do passado para o futuro ou indicavam o que deveria reter do passado para preparar o futuro, selecionando os momentos de forma até inconsciente.

[...] entre uma memória integrada, ditatorial e inconsciente de si mesma, organizadora e toda poderosa e inconsciente de si mesma, organizadora e toda-poderosa, espontaneamente atualizadora, uma memória sem passado, que reconduz eternamente a herança, conduzindo o antigamente dos ancestrais ao tempo indiferenciado dos heróis das origens e do mito e a nossa que só história, vestígio, trilha. Distância que só se aprofundou na medida em que os homens foram reconhecendo como seu um poder e mesmo um dever de mudança, sobretudo a partir dos tempos modernos. Distância que chega hoje num ponto convulsivo. (NORA, 1993, s/p)

O autor vem nos explicar que esse desenrolar da memória sob o impulso conquistador da história tem como um efeito de revelação, onde a ruptura de um elo de identidade muito antigo, vem a ser a adequação da história e da memória.

Para Nora (1993) é da mesma natureza o movimento que nos transporta e que representa para nós, ele afirma ainda que se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de consagrar lugares, haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Até o mais cotidiano gesto seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez numa identificação canal do ato e do sentido.

Lembranças não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores e em códigos que são constantemente alterados, através dos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta". (LOWENTHAL, 1995, p. 103).

A finalização da memória para Nora (1993) foi envolta por uma vontade geral de registro, ele nos diz que a passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. Nora nos mostra que o dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo. Segundo o autor não se falaria mais em origens, mas sim em nascimentos, o passado nos é dado como radicalmente outro, ele é esse mundo do qual estamos desligados para sempre.

Pierre Nora (1993) cita em sua obra *“Entre memória e história: a problemática dos lugares.”* Define os lugares de memória como grupos regionais sejam eles de gênero, sexuais, gerações, comportamentais, étnicos, que buscam acesso a uma memória viva presente na atualidade, pontua também ainda que a necessidade de identificar uma origem, utilizando mecanismos que relembrem o passado, com suas identidades sociais, através de lugares públicos, lembranças pessoais, ou acontecimentos quase que obrigatórias para a formalização da memória através dos lugares, que segundo Nora (1993):

[...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notarias atas, por que estas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 13)

Em relação ao conceito de abordado por Nora e Halbwachs, Arévalo (2004) afirmam:

O que parece haver, no entanto, é uma outra leitura desta categoria pela política de preservação. Está a utilizar percebendo o espaço como parte importante na criação de uma memória coletiva que identifica grupos sociais importantes e atuantes na formação de uma identidade maior, a da nação. No entanto, para Nora, os lugares de memória são essencialmente meios, meio de acesso a uma memória, que não é memória, é história, porque esta reconstituída através de vestígios e, mais importante, uma memória que é reivindicada e não espontânea, como queria Halbwachs. Essa memória não é mais construída no grupo, mas para o grupo pela história, para que este possa nela encontrar elementos que legitimem sua ação política no presente. (ARÉVALO, 2004, p. 12)

Pollak (1992), apresenta que o pesquisador que já realizou entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, a ordem cronológica não é obedecida na maioria das vezes, pois os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos e que há nessas voltas algo de invariante, é como se, numa história de vida individual, mas também em memórias construídas coletivamente, houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças para o entrevistado, em certo sentido, alguns elementos passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros acontecimentos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala.

Ainda sobre memória, é importante observarmos que no campo individual, não podemos considerar como registro de tudo que passou, porque a memória é seletiva, que envolve o que deve ser esquecido e o que deve ser lembrado e são construídas ao longo dos anos. Pollak (1993) cita como exemplo a guerra do Normandia, das quais foram realizadas entrevistas e algumas “marcas” ou sentimentos eram relatados, conforme a situação vivenciada dos entrevistados:

Numa série de entrevistas que fizemos sobre a guerra na Normandia, que foi invadida em 1940 pelas tropas alemãs e foi a primeira a ser libertada, encontramos pessoas que, na época do fato, deviam ter por volta de 15,16,17 anos, e se lembravam dos soldados alemães com capacetes pontudos (*casques à pointe*). Ora, os capacetes pontudos tipicamente prussianos, do tempo da Primeira Guerra Mundial, e foram usados até 1916, 1917. Era, portanto, uma transferência característica, a partir da memória dos pais, da ocupação alemã da Alsácia e Lorena na primeira Guerra, quando os soldados alemães eram apelidados de “capacetes pontudos”, para a Segunda Guerra. Uma transferência por herança, por assim dizer. (POLLAK, 1992, p. 3)

Percebemos que a memória faz parte dos estudos, seja meios atrelados a história, quanto os lugares, que é seletiva e muitas vezes sem o conhecimento científico realizamos este trabalho inconscientemente.

Sendo assim Pollak (1992) afirma que, a priori, a memória assemelha-se a um fenômeno individual, algo da pessoa, mas que Maurice Halbwachs já havia ressaltado que a memória deve ser observada como um fenômeno coletivo e social um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. E se destacamos esse atributo flutuante e mutável da memória, tanto individual como coletiva, devemos lembrar que na maioria das memórias há marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis onde o pesquisador deve estar atento.

Outro ponto relevante é a necessidade de construirmos nossa identidade, pois desde

o nosso nascimento necessitamos de proteção, já que somos seres indefesos e necessitamos de auxílio para realizar tarefas simples como se alimentar, andar etc. Ao longo da nossa trajetória até alcançarmos nossa independência, tomamos algumas atitudes que contribuem para marcar nosso território social que ao longo do tempo refletem em nossa conduta e meio onde vivemos, passando a integrar grupos que se identificam por códigos como: nacionalidade, idiomas, ideias entre outros.

Diante dessa interação com os códigos passamos a construir nossa identidade, porém ela não se resume a nacionalidade, nome, idade, mais sim em ambientações, vivências e emoções como aponta Oliveira (1996, p.32):

A construção da Identidade é um processo muito complexo, que ocorre entre diferentes níveis, se processa nos planos sexual, social, profissional, entre outros, a partir de identificações. No plano social, os valores culturais se formam através de normas, hábitos, leis e preconceitos e são fatores determinantes na construção da Identidade.

Desenvolvemos, no entanto, uma série de comportamentos, que refletem em nosso estilo de vida, maneira de vestir, agir no convívio que temos com o próximo, em nossas palavras e ações sejam elas boas ou ruins, já que está conectado a carga cultural que carregamos. Neste sentido Brandão (1996), aponta que a identidade é composta destes fatos que ocorrem em nossas vidas, assim experimentamos e vivenciamos, absorvemos o que é mais marcante, o que pode servir como referencial para que possamos acessar a memória e buscar um porquê, para explicar o que somos.

Por fim, podemos considerar que coletivamente apresentar o conceito de identidade como uma representação, pois uma vez que o indivíduo esta inserido em um coletivo, e esta representado por ponto comum. A identidade, somos nós, em nosso coletivo e em nosso individual.

4 Considerações finais

Com o objetivo de abordar a temática da memória individual e coletiva, este trabalho traz o ponto de descrever a importância de cada uma na formação da nação e suas implicações no campo da história.

Diante dos pressupostos apontados sobre a memória, foram discutidos os espaços de memória, e lugares de memória como forma de preservação coletiva, para manter vivas as concepções criadas e rememoradas ao longo da vida, passando por períodos bons ou ruins, mais sempre no intuito de permanecer viva na memória coletiva de determinados grupos.

Este trabalho tem o intuito de contribuir com pesquisadores da área, visto que o material é rico em fontes e que contribui aos historiadores e suas pesquisas no campo da memória e história.

Referências

ARÉVALO, Marcia conceição da Massena. **Lugares de memória ou a prática de preservar**. I Encontro Memorial do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Mariana/MG, 2004.

BORGES, Cibele Dias. A memória coletiva e individual. **SaberCom Repositório de Objetos Digitais Educacionais da FURG**. Acesso em jan. 2022. Disponível em: <http://www.sabercom.furg.br/handle/1/1440>

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta T. **Labirintos da memória: quem eu sou?** . São Paulo. Paulus. 2008.

DANTAS, Gabriela Cabral da Silva. **“Memória”**; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/psicologia/memoria-1.htm>>. Acesso em 18 de dezembro de 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Projeto História. São Paulo, nº 17, novembro 1998.

NETO, Renato Drummond Tapioca. **Memória coletiva e memória Histórica na obra de Maurice Halbwachs**, 2014. Acesso em nov. 2021. Disponível em <https://rainhastragicas.com/2014/11/07/memoria-coletiva-e-memoria-historica-na-obra-de-maurice-halbwachs/>

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. nº 10. 1993.

POLLAK, Michel. Memória e identidade Social. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 200-212

RICOEUR, Paul. **Memória, História e Esquecimento**. Campinas, Editora da Unicamp, 2007. p.451-466.